

Robert Murphy. *The body silent.* Henry Holt and Co., New York, 1987.

Vera Penteado Coelho
Museu de Arqueologia e Etnologia – USP

Robert Murphy é um antropólogo muito conhecido no Brasil, sobretudo graças a seus trabalhos entre os índios Mundurucu. Desta vez, ele faz o relato de uma aventura diferente: a história de uma longa doença que o deixou totalmente paralisado e que mudou sua vida e sua carreira. Ele compara seu ingresso no mundo das pessoas doentes a uma viagem a terras longínquas, feita com espírito semelhante àquele que Lévi-Strauss descreve em *Tristes trópicos*.

Um dos fatores que mais contribui para a originalidade do livro é que seu autor é ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa. Há nessa obra uma narração autobiográfica que dá conta de sua carreira e da evolução de sua enfermidade, sem omitir aspectos de sua vida pessoal. Junto com uma espécie de auto-análise, é feito um balanço do pensamento e das atitudes de nossa cultura em relação a vários tipos de marginalidade. Como antropólogo, o autor não está mais se referindo ao Outro. Sua atenção agora concentra-se em si mesmo e nos demais doentes, que já não são vistos como seres remotos, mas como muito próximos.

Sua análise da posição dos doentes em nossa sociedade é lúcida e sua postura diante de seus próprios sentimentos é sincera, corajosa e revela sangue-frio. Os doentes ocupam uma posição liminar tanto entre nós como entre os primitivos; não são considerados pelas pessoas sadias como seres humanos completos. Muitos povos primitivos encaram a doença como a consequência de uma violação da ordem. Entre os Navaho, as cerimônias de cura tentam restabelecer o equilíbrio entre o doente e o Cosmos, e os adivinhos Azande da África acreditam que a origem da doença está no fato de o paciente ter quebrado o protocolo ritual. Entre os Mundurucu, acredita-se que a mãe pode deixar uma criança doente, se comer peixes sem escamas enquanto estiver amamentando. Essas transgressões representam ameaças ao Cosmos, ao equilíbrio social. Ainda entre os Mundurucu, acredita-se que quebras da

saúde e da ordem da sociedade são feitas por indivíduos malignos “que têm raiva de todo mundo”. A identificação da doença com a desordem não é, entretanto, específica dos povos primitivos. Ela é universal na imaginação humana e, assim, pode muito bem ser encontrada em nossa própria sociedade. Murphy nota que a mente humana busca impor sistemas com alguma espécie de ordem em todas as suas atividades. Discordando de Lévi-Strauss, que vê nessa necessidade de ordem uma tendência biológica hereditária, Murphy considera-a uma imposição do instinto de autopreservação; a ordem é necessária porque graças a ela podemos prever os acontecimentos. E, no entanto, uma pessoa doente ou fisicamente incapaz representa uma ruptura nesse almejado equilíbrio. Nossa sociedade não quer incorporá-la; não está preparada para isso. Evita mencionar a doença; teme ferir a suscetibilidade do doente, referindo-se a seu estado; tem dificuldade em integrá-lo à vida produtiva; o doente ameaça sua harmonia.

As observações de Murphy vão desde os problemas enfrentados pelos quadriplégicos, ou tetraplégicos, no trabalho até suas aflições na vida social, como, por exemplo, as agruras de uma pessoa que está em cadeira de rodas e que é convidada a um coquetel: numa festa em que todos estão de pé, é terrível para alguém que está fisicamente abaixo da estatura dos demais participar de uma conversa ou fazer-se ouvir.

A segregação dos fisicamente incapazes é comparada à dos iniciados nas sociedades primitivas, conforme descrição de Victor Turner. Todas as pessoas que vão passar de um status para outro na sociedade atravessam um período intermediário, chamado liminar, no qual ela não é mais classificada e ainda não está classificada definitivamente. Um exemplo da dificuldade de enquadrar o deficiente físico em uma determinada categoria é o do violinista I. Perlman. Viajando frequentemente, mas sem deixar sua cadeira de rodas, ele nota que os funcionários das companhias de aviação sempre se dirigem a seu acompanhante e nunca a ele, mesmo quando querem saber seu destino. Para eles, se uma pessoa é fisicamente deficiente, ela deve ter também alguma deficiência mental. Murphy compara a passividade e a submissão do doente que está recebendo tratamento médico à do neófito submetido aos ritos de iniciação nas tribos primitivas. Não há, em ambos os casos, lugar para rebeldia ou para não-aceitação das regras de um jogo imposto; é impossível

escapar de uma situação que o indivíduo não inventou. Entretanto, o número de deficientes físicos parece estar aumentando, ao mesmo tempo em que vêm à tona suas reivindicações por um mundo mais justo, que possa receber suas contribuições e incorporá-los como membros efetivos da comunidade, libertando-os da absurda situação de liminaridade à qual se vêm condenados.

A descoberta de uma doença incurável leva à confirmação das idéias de pensadores como Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty, que se recusam a ver o ser humano como um composto de duas unidades distintas: o corpo e a alma. Para que a mente possa executar o que planeja, é necessário o intermédio de um organismo, que, para muitos, não funciona a contento. Perceber suas próprias limitações e incapacidades traz sentimentos muito fortes: culpa, vergonha e raiva – a raiva semelhante à do homem primitivo que procura um feiticeiro responsável por sua infelicidade.

Na qualidade de antropólogo bastante influenciado por Lévi-Strauss, Murphy constata estar de certa maneira fora das relações sociais porque, como fisicamente incapaz, fica também à margem das relações de reciprocidade. Murphy, tendo desistido de estudar povos longínquos, passa a ter como centro de suas preocupações todas essas pessoas fisicamente muito próximas, mas que são encaradas por todos como pertencentes a um universo muitíssimo distante. O intenso treinamento que teve durante toda a sua vida na observação do “outro” é usado não mais para povos da Amazônia, mas para americanos de inteligência normal ou superior que não podem se incorporar à vida das assim chamadas pessoas normais. Murphy adota nesses estudos uma atitude objetiva, que nunca chega à frieza, nem aos sentimentos que os povos de língua inglesa chamam de *self-pity* e *self-compassion* em relação aos quais nutrem sempre um grande desprezo. Entender esse novo objeto da antropologia e, em consequência, tentar contribuir para a melhoria da vida desse “povo” são objetivos plenamente alcançados nesse livro. Para antropólogos, médicos e para o público em geral é um *insight* obrigatório a respeito da nossa cultura.